



# A viagem

Alexandre Santos

**ALEXANDRE SANTOS**

**A VIAGEM**



Copyright© Alexandre José Ferreira dos Santos



EDIÇÕES MOINHO



Organização associada à Câmara Brasileira de  
Desenvolvimento Cultural.

### Conselho Editorial

Alexandre Santos

Jacinto Almeida

José Kameniecki

Caio Porto

Carlos Newton Júnior



Nunca se deve tomar decisões graves sob  
forte emoção

Para Ivaldo Alves, que conhece o bairro de  
São José Como a palma da mão

**ALEXANDRE SANTOS**

# A VIAGEM

Como todo homem forte e de sorte, Armando envelheceu (ele dizia que os fracos e azarados não envelhecem, pois morrem antes).

Ele envelheceu bem.

Sem problemas financeiros, Armando ajudava parentes, amigos e, ainda, tinha reservas que lhe permitiam as pequenas extravagâncias que fazem a vida valer a pena. Quando olhava para trás, com alguma saudade, Armando via um passado de farras e de festas, bem ao gosto de quem sempre gostou da esbórnia.

Belo dia - meses depois de ter enviuvado, após tomar umas doses de whisky e, talvez como forma de fugir da melancolia e do vazio deixado pela partida do amor que o acompanhou pelos últimos

trinta anos -, Armando deu um profundo mergulho no passado e, esquecido da decepção vivida quando, ao procurar uma antiga namorada (o pitelzinho que desfrutou regularmente até casar), encontrou a velha bruaca disforme na qual o passar da vida transformara, já sem saber se estava sonhando ou, se, de fato, tinha viajado no tempo, se viu cinquenta anos mais novo.

Tão logo saiu do turbilhão através do qual navegara rumo ao passado, atinou que aquela seria a viagem mais especial de todas já feitas na sua longa vida, uma viagem da qual não precisava sair.

Estava robusto, esbelto, cabeludo e cheio de ginga como fora nos seus anos dourados. E foi nesta condição que reviveu a época na qual, muitas vezes, trocou e misturou noites e manhãs em jornadas que o deixavam exausto e ressecado, mas



plenamente satisfeito com os gozos e alegrias experimentados.

Armando sempre foi muito animado, o mais aceso da turma. Desde cedo na gandaia, ajudou a criar a turma do barril - um grupo notívago, que, de saideira em saideira, em périplos intermináveis pelos bares de São José, no centro do Recife, não tinha hora para voltar para casa e não contava o consumo de bebidas em doses ou canecas, mas em garrafas ou grades.

Daquele tempo remanescia lembranças que mexiam com seu dia-dia e que, agora, naquela viagem, voltaria a fervilhar lhe o sangue de forma incontrolável.

E, como se não fosse uma recordação, mas uma nova aventura,

Armando se viu nos preparativos de mais uma farra. Depois do expediente na mercearia do tio, ávido para encontrar a turma do barril, na frente do espelho, aprovou a imagem vestida com calça boca-de-sino, camisa colorida, blusão, sapato cavalo-de-aço.

Naquela noite, as coisas iriam acontecer.

Depois de esquentar com uns tragos no Saberé e subir uns quarteirões pela Avenida Dantas Barreto, a turma do barril tomou a Rua Vidal de Negreiros e, como de outras vezes, foi para a sede do 'Estudantes de São José', no Pátio do Terço.

A noite prometia.

Cansados das incontáveis cervejas, a turma entrou para o velho e querido rum. Muito samba, alguns frevos, muitas

promessas da noite. Já passava das duas quando alguém lembrou o ensaio do bloco Pão Duro.

- Vamos para o Coque. A noite é uma criança.

Não havia discordância. E, de tropeço em tropeço, de piada em piada, lá foram os amigos para o ensaio geral do 'Pão Duro', a melhor agremiação carnavalesca do bairro do Coque, onde, conforme esperavam desde cedo, as coisas aconteceriam.

Já enxarcados de cerveja e de rum, a turma abraçou a vodca. E tome festa, tome música, tome alegria, tome tudo. Euforia total!

Passava das três quando, já meio tonto de álcool e de sono, Armando viu a

sua Combina. A visão da mulher o despertou imediatamente.

Talvez tivesse bebido mais do que das outras vezes e, justamente por isso, rapidamente, Armando foi fígado de forma completa, arrebatada e instantânea por um desses Cupidos que, sem ter o que fazer, vive a pregar peça nos corações solitários.

Foi amor à primeira vista.

Pudera!

A mulher era estonteante. Cintura fina, pernas longas, calipígio proeminente. Um sonho! Para completar - a julgar pela forma inteira como se entregava aos abraços, aos apertos, aos beijos, às saliências, às promessas e pedidos - ela também fora alvejada pelo mesmo Cupido. Armando teve o seu momento de paraíso. Os olhares, os toques, os meneios. O jato de

adrenalina que arrepiava o corpo e o jorro de sangue que intumescia a virilidade já atiçada.

Não recordava de ter vivido êxtase maior.

Armando não queria que aquele momento acabasse e, embalado pela vodca bebida diretamente no gargalo, pensou até em propor casamento à nova namorada, a qual, de sua parte, compartilhava a garrafa e, em meio a sorrisos, roçava, se esfregava, beijava e não recusava qualquer das iniciativas dele.

A Madrugada avançava e, cada vez mais fogo, Armando resolveu 'formalizar' o namoro, passando a apresenta-la aos amigos.

- Esta é a minha namorada - com a voz embargada de álcool, sem parar de

beijá-la, Armando apresentou a sua Colombina aos amigos e, decidido a não perder aquele momento, convocou o fotógrafo que circulava o salão.

- Capriche aí. Registre tudo.

E, devidamente autorizado, pedindo poses aos amigos e beijos de cinema aos pombinhos apaixonados, o fotógrafo enquadrou quem quis na máquina polaroid e sacou, pelo menos, cinco fotos instantâneas.

Não pela vontade de qualquer dos presentes no ensaio geral e, claro, a contragosto da turma do barril, a noite acabou e, como deveria ocorrer, ao tempo que a Colombina de Armando deixava a sede do Pão Duro e enveredava pelas ruas do Coque, no sentido inverso, a turma do

barril tomava a Avenida Sul e voltava para casa.

No dia seguinte, logo cedo, ainda excitado, Armando levantou para assumir o posto no mercadinho. A ressaca era grande. A dor de cabeça não o deixava esquecer da noite (terminada há pouco). Mas, ele precisava reconhecer, tinha valido a pena. A embriaguez tinha passado, mas não a vontade de reencontrar a mulher que o arrebatara na véspera. Ainda bem, pensou, que, conforme combinara ao despedir-se com o mais longo dos beijos, voltaria a se encontrar com a Colombina no começo da noite. E, como um garoto diante do primeiro amor, correu às roupas usadas na véspera para buscar as fotos. Queria rever a sua Colombina. Ainda bem que a polaroid registrara o seu troféu de virilidade.

Foi quando veio o pior.

Sinceramente, não gostou daquilo que viu. Meu Deus!

Quando, ressecado, mas sóbrio, Armando viu a sua Colombina tomou um susto. Nunca tinha visto nada parecido. A mulher não era feia. Era horrorosa.

Não vida de notívago, Armando já tinha visto muita gente feia, mas nunca ninguém como a mulher que trocara juras de amor na véspera. Armando tinha sido traído pela cachaça e quase casara com a mais feia das bruxas.

O trauma foi tão grande que, em meio a falta de ar, foi arrebatado da viagem ao passado e retornou ao hoje. Acordou suado e ofegante, mas feliz.

Antes só do que mal acompanhado.